

la autora comenta los casos de Ignacio de Loyola, Teresa de Ávila, Cristóbal Colón, así como de personajes ficticios (Emma Bovary, Wokulski de *Lalka*, Florentino Ariza de *El amor en los tiempos del cólera* y otros más, a veces poco evidentes). Sin embargo, las reflexiones y asociaciones más interesantes —o hasta sorprendentes— para quienes no sigan de cerca la presencia de la temática quijotesca en las humanidades, se encuentran en las últimas páginas del libro. Es en ellas donde se analiza a Maximilian Aue, el protagonista nazi de *Las benévolas* de Jonathan Littel, en el contexto de la cultura del quijotismo. En la misma clave se lee también a Lev Mishkin de *El idiota* de Dostoyevski y se entra en polémica con las conocidas interpretaciones de la crueldad en *Don Quijote* de Vladimir Nabokov.

El valor del libro de Magdalena Barbaruk radica en mostrar que “la larga sombra de Don Quijote” llega a alcanzar las cuestiones más palpitantes de nuestra actualidad y que la figura del caballero andante permite explicar muchos de los fenómenos culturales que se dan en el presente. Este erudito trabajo recoge numerosos ejemplos de ello, siendo un verdadero compendio de lo que la autora llama “la cultura del quijotismo”. Puesto que la monografía contiene muchas referencias al contexto polaco, sería conveniente que se publicara también en castellano, pues su lectura resultaría, sin duda, provechosa para el público hispanohablante interesado en la cultura polaca. A estas alturas, a los que no dominen la lengua polaca se les puede recomendar la edición del libro en inglés: M. Barbaruk, *The Long Shadow of Don Quixote*, trad. P. Poniatowska, Peter Lang, Frankfurt am Main, 2015.

Łukasz Smuga  
(Uniwersytet Wrocławski)

JAN STANISŁAW CIECHANOWSKI, *Portugalia, Dziękujemy! Portugal, Obrigado! Thank you, Portugal! Os refugiados polacos, civis e militares, nos confins da Europa Ocidental nos anos 1940–1945*, Urząd do Spraw Kombatantów i Osób Represjonowanych, Oficyna Wydawnicza RYTM, Warszawa, 2015, 375 pp.

DOI 10.19195/2084-2546.24.19

A história da emigração polaca no mundo lusófono e em Portugal ainda tem muitas páginas para desvendar. Durante a Segunda Guerra Mundial, Portugal e Lisboa tiveram um papel particularmente interessante servindo como ponto fulcral que possibilitava contactos e transporte transatlântico entre a Europa continental (em guerra) com Inglaterra, Estados Unidos ou com países da América Latina. A neutralidade de Portugal, apesar de simpatias bem claras para os aliados ocidentais, oferecia vantagens para as partes beligerantes, mas também possibilitava canalizar fluxos migratórios com uma relativa seguran-

ça. Hoje em dia poucos se lembram que os polacos formaram um dos grupos maioritários de migrantes em Portugal durante a Segunda Guerra. Podemos também sublinhar que quer na Polónia, quer em Portugal quase não houve estudos sobre este tema. Em prática, só existe o livro de Stanisław Schimitzek *Na krawędzi Europy. Wspomnienia portugalskie 1939–1945*, publicado em Varsóvia em 1970 e nunca re-editado nem traduzido para o leitor português. O livro de Jan Stanisław Ciechanowski *Portugal, Obrigado!* tem como origem ciclo de painéis *Os Polacos em Portugal nos anos 1940–1945*, parte integrante da exposição *Exilados, políticos e diplomatas em tempos difíceis* organizada no Espaço Memória dos Exílios em Estoril. Na intenção do autor o álbum é “alargamento da exposição” para assegurar maior durabilidade do material iconográfico e factual. A conceção do livro é muito interessante porque tem como base a documentação fotográfica, mas as imagens só servem como pretexto para uma explanação histórica aprofundada. É de sublinhar que o autor teve uma grande preocupação não só para identificar as pessoas que aparecem nas fotografias, mas também para fornecer ao leitor alguns elementos biográficos ou, pelo menos, indicar os anos de vida deles. Como escreveu Jorge Pedro Sousa no livro *Fotójornalismo. Introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa* (Florianópolis, 2004) a fotografia “mostra, revela, expõe, denuncia, opina. Dá informação e ajuda a credibilizar a informação textual.” No caso do livro em questão o autor conseguiu narrar uma parte importante da história, começando pela memória imagética, completada pela informação factual contextualizada.

As fotografias que compõem o livro, procedentes de mais diversas fontes, podiam ser classificadas, na maioria dos casos, como fotodocumentalismo, ou seja, uma espécie de inventário fotográfico da época. Curiosamente quase não há fotogramas muito expressivos, com alguma pretensão artística, feitos por fotógrafos de renome. Aqueles que a crítica costuma denominar como *feature photos* que tornam uma imagem atemporal devido aos seus valores estéticos. No caso das fotografias no livro analisado a perspetiva é exatamente inversa, ou seja, as imagens funcionam como âncoras para a compreensão de uma determinada realidade histórica. O espírito do livro é reconstruir a memória visual do passado oferecendo ao leitor uma espécie de *visite guidée* em Portugal no tempo da Segunda Guerra Mundial, ou na Polónia dos anos trinta do século XX. Penso que o autor conseguiu o seu objetivo graças a um trabalho histórico, arquivístico e interpretativo enorme. As fotografias incluem cartões postais, *spot news* da imprensa da época ou simplesmente provêm dos arquivos privados. Na maioria dos casos surpreende a qualidade elevada das fotografias realizadas com meios analógicos, correspondentes ao nível tecnológico da época. Nota-se claramente o esmero dos fotógrafos (muitas vezes anónimos) no enquadramento, iluminação e a composição das imagens. Preocupação que contrasta abertamente com a postura da maioria dos “fotógrafos” de hoje habituados a tirar grande número de fotografias sem nenhuma preocupação estética.

O livro está dividido em dez capítulos desde relações luso-polacas na véspera da guerra, passando pelas andanças dos refugiados polacos em Portugal nos anos quarenta, terminando com episódios pouco conhecidos como a espionagem polaca, ou a diplomacia secreta que visava obter passagem da Roménia, Hungria e Itália para o lado dos aliados. Como já dissemos, o autor fez um trabalho bibliográfico e histórico enorme, e possivelmente por causa disso há algumas imprecisões. Nomeadamente, comentando a personagem do general José Carlos Conrado de Chelmicki<sup>1</sup>, refugiado após a Insurreição de Novembro, afirma que a obra dele sobre “cartografia das Ilhas de Cabo Verde e da Guiné ainda hoje é utilizada nas escolas do continente africano” (p. 68). De facto, o trabalho de Chelmicki e Adolfo de Varnhagen, publicado em 1841, de alguma maneira inspirou os tratados geográficos posteriores, mas agora está quase completamente esquecido e nunca foi re-editado.

Jan Stanisław Ciechanowski cita, de forma muito consequente, as fontes das fotografias, só que o sistema que utiliza nem sempre satisfaz a curiosidade do leitor. Assim, por exemplo, indicando ©NAC (Narodowe Archiwum Cyfrowe), como a referência única, deixa na sombra o nome do autor da fotografia, e eventualmente da publicação onde estava inserida. A ausência de dados é compensada, de alguma maneira, pelo índice de cotas dos respetivos arquivos.

Devemos reparar que embora o livro seja dedicado a Maria Danilewicz-Zielińska, surpreendentemente o livro dela, *Polonica Portugalskie* (2005), não figura na bibliografia.

O álbum é trilingue (polaco, inglês e português) e devemos sublinhar a qualidade do trabalho dos tradutores. É pena que os nomes deles apareçam só na nota editorial e não no verso da capa conjuntamente com a indicação dos direitos autorais. De qualquer maneira, as traduções: a inglesa de Antoni Bohdanowicz e a portuguesa de Teresa Fernandes Swiatkiewicz são de qualidade excelente. O livro contém também a tradução polaca do prefácio da Embaixadora de Portugal em Varsóvia de Grażyna Misiorowska-Rychlewska. Confesso que nos três casos as traduções nos oferecem uma eventual leitura plurilingue aumentando assim o espetro de compreensão, e possibilitando a comparação da segmentação da realidade pelas línguas.

Resumindo a nossa apreciação sobre o livro podemos concluir que se trata de um trabalho particularmente valioso e que pode interessar uma gama ampla de leitores com motivações bem diversas.

*Włodzimierz J. Szymaniak*  
(Universidade Jean Piaget de Cabo Verde)

---

<sup>1</sup> Nome aporuguesado de Józef Karol Konrad Chelmicki (1814–1890).